

Mulher e Trabalho: entre a melancolia e o luto¹

¹ Este trabalho foi feito como conclusão da disciplina do Prof. Joel Birman no Doutorado em Teoria Psicanalítica da UFRJ. Para Clara, minha filha, mulher do século XXI.

"Sou uma mulher do século XIX
disfarçada em século XX."
Ana Cristina César (*Inéditos e Dispersos*.
São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 136)

Final do século XIX. Dora, uma jovem de dezoito anos, foi atendida por Freud de outubro a dezembro de 1900. Apresentando um quadro de histeria, Dora expressava com seus sofrimentos neuróticos uma questão radical: como ser mulher? Segundo as descrições de Freud, Dora era muito mais apegada ao pai do que à mãe. Seu pai, homem de atividade e talentos excepcionais, grande industrial, era a figura dominante na sua vida, a quem ela dedicava intensa admiração. Sua mãe era vista como uma pessoa inferior, inculta e fútil. Manifestava um quadro de **psicose doméstica**, uma obsessão doentia por limpeza que a fazia limpar e varrer a casa durante o dia todo, com tal obstinação que quase impedia que os móveis e utensílios domésticos fossem utilizados. Era alheia a tudo e a todos, não conseguindo dar a menor atenção aos interesses mais ativos dos filhos. Pelo fato de esta limpeza obsessiva estar perfeitamente de acordo com os códigos sociais da época, a mãe de Dora não se considerava uma pessoa doente. A inamistividade da jovem com sua mãe já vinha de longa data, e fez com que as duas se mantivessem totalmente distantes uma da outra².

Desta forma, o problema de Dora girava em torno das suas possibilidades identificatórias. Recusando-se a identificar-se com a figura deprimida e desinteressante de sua mãe, não aceitando tornar-se uma escrava da limpeza doméstica, ela volta-se para o pai, identificando-se com ele, mas evidentemente criando para si uma questão conflitiva no que dizia respeito a sua sexualidade. Como suas simpatias sempre penderam para o lado paterno, ela tentou tomar como modelo uma tia,

² FREUD. Fragmento da Análise de um Caso de Histeria (1905). *Obras Completas*, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1972, p. 18.

irmã do pai. Mas esta tia, que carregava a tristeza de um casamento infeliz, morreu de uma atonia que progrediu rapidamente e cujas razões nunca ficaram bem esclarecidas.

Portanto, não tendo entre seus familiares figuras femininas com quem pudesse se identificar de uma forma que não fosse negativa, Dora vai dirigir a uma outra mulher, à Sra. K - e não é por coincidência que esta senhora vem a ser a amante de seu pai -, a indagação sobre o ser da mulher. Dora envolve-se afetivamente com a Sra. K, buscando através desta relação uma resposta para o enigma da sua feminilidade.

Outra paciente de Freud, Elizabeth, é também testemunha desta impossibilidade de encontrar um modelo feminino positivo de identificação. Tendo sua mãe a saúde bastante debilitada, a moça sentiu-se atraída pela vida interessante do pai, homem das rodas mundanas, com quem mantinha contato íntimo permanentemente, a ponto de o pai dizer que esta filha ocupava, para ele, o lugar de um filho ou de um amigo com quem podia conversar. No entanto, apesar da proximidade que tinha com ela, o pai não a apoiou quando Elizabeth quis seguir uma educação musical, o que a deixou inconformada. Sendo seu modelo de mãe uma figura doente e desvitalizada, ficava-lhe apenas a possibilidade de identificar-se com o pai. O mundo paterno oferecia-lhe uma atração da qual ela não aceitava ter que abrir mão, pois aceitar ser como a mãe era conformar-se com uma vida monótona e sem graça³.

Em outro trabalho⁴, desenvolvemos o problema da identificação feminina, mostrando como este está atrelado à falta de um significante que possa nomear o ser da mulher. Frente a isto, esta dirigirá o enigma da sua feminilidade para outra mulher, esperando obter respostas sobre suas incertezas identificatórias. No presente trabalho, buscaremos demonstrar que esta ligação a outra mulher não consiste em um caráter estrutural da feminilidade, mas circunscreve-se a uma situação específica, a da inexistência de um modelo feminino positivo com o qual se identificar, situação na qual Freud encontrou as mulheres de sua época. Assim, a mulher buscará um modelo feminino numa outra mulher quando não encontrar, dentro de seus laços de afeto familiares, uma figura feminina positiva que possa lhe oferecer um ideal de feminilidade. Se as pacientes histéricas tratadas por Freud só tinham como receber de suas figuras maternas traços de melancolia, elas buscavam este ideal fora do contexto familiar.

Portanto, buscando traçar o perfil da mulher que ficou atrelada à esfera privada e ao espaço doméstico - cujas contingências culturais lhe dificultaram a saída

³ NUNES, Silvia A., *O Corpo do Diabo entre a Cruz e a Caldeirinha*: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade em Freud. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, UERJ, 1996.

⁴ FORTES, Isabel. *O Que Ela Tem Que Eu Não Tenho?* Uma questão no estudo da sexualidade feminina em Freud e Lacan. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia da PUC-Rio, janeiro de 1993.

pela sublimação como um destino pulsional possível para o seu sofrimento -, vamos desenvolver a problemática da mulher com o trabalho.

A mulher e o espaço doméstico

Um dos sintomas manifestados na *petite hystérie* de Dora foi uma espécie de *taedium vitae*⁵; sua tia morrera de atonia (*marasmus*); sua mãe viveu como um autômato, obcecada por limpeza. A mãe de Elizabeth era impedida de viver por ser uma pessoa adoentada... Uma espécie de melancolia, uma profunda insatisfação com a vida, marcou as mulheres do século XIX identificadas com o papel de esposa e mãe. Ao resignar-se com o recolhimento ao lar, a mulher mergulhou numa espécie de circuito atemporal e assexual que se manifesta como pura **espera da morte**⁶. Tal fato pode ser compreendido se pensarmos que, no período anterior ao casamento, a mulher dirigia todas as suas aspirações e anseios à espera de um casamento. Quando este finalmente ocorre, é como se ela chegasse ao fim da linha e não tivesse mais nada a que ansiar e esperar a não ser a própria morte.

A necessidade de fixar a mulher no lar e na maternidade é parte do lugar central dado à família e à infância na sociedade burguesa. Na família atravessada pela ideologia do individualismo, a infância passa a ter um papel importante, na medida em que nela está depositado, de forma latente, o futuro do novo Estado burguês. Desta forma, na família nuclear constituída nesta época, a figura da mãe e os cuidados maternos tornam-se força moral fundamental para a coesão familiar. Celebra-se o culto da mulher burguesa como mãe - ela é a pedra angular do equilíbrio familiar - e recrimina-se a sexualidade feminina não reprodutiva. O discurso médico ocupa o lugar de padrão regulador dos comportamentos individuais, decorrendo daí que o discurso médico e o discurso moralista passam a se associar e a se retroalimentar⁷.

Desta forma, a medicina reforçava a dupla imagem feminina de mãe e esposa. A mulher que não correspondesse a esta imagem seria considerada anti-moral e anti-natural, vista como uma expressão da patologia. As descrições anatômicas vinham corroborar a idéia de uma diferença de essência entre o homem e a mulher, concebendo-se o corpo da mulher como sendo constituído exclusivamente para a reprodução. Paralelamente a isto, construiu-se a idéia da mulher como uma criança ou como tendo um caráter semelhante ao dos povos primitivos. Infantil e primitiva, mais frágil e menos evoluída do que o homem, a mulher

⁵ FREUD. Fragmento da Análise de um Caso de Histeria (1905). *Op. cit.*, p. 22.

⁶ KEHL, M^{ra} Rita. O Espaço Doméstico e a Sexualidade da Mulher. In: *A Mínima Diferença*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 69.

⁷ Sobre isso, ver ARIËS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

precisa então de uma tutela: a tutela de um marido do qual será dependente, tal qual uma criança.

Assim, enquanto ao homem cabiam os atributos da razão, da abstração e do conceito, presentes no espaço público, à mulher ficaram designadas as necessidades físicas, do coração e da alma, que se revelariam no espaço privado. A "natural" disposição feminina para as questões do coração e sua não adequação para o pensamento conceitual já a colocavam, de saída, alheia à ciência, a qual não podia, de forma alguma, fazer parte do universo feminino.

Como uma espécie de compensação, frente a esta restrição ao espaço doméstico, passou-se a valorizar intensamente a maternidade, ocorrendo, no século XIX, um endeusamento da figura da mãe nunca antes observado⁸. Como dissemos, a mulher passou a ter a nobre função de transmitir para o marido e para as crianças os discursos morais da estrutura social, e isso a valorizou aos olhos da moral social.

A sexualidade da mulher é moldada a fim de servir ao casamento e à maternidade, sendo o laço entre sexualidade e prazer minorizado em detrimento do laço entre sexualidade, casamento, amor e reprodução. É importante ressaltar que está presente, nesta articulação, a idéia de uma separação entre natureza e cultura, a partir da qual a mulher é colocada do lado da natureza e, portanto, do lado da maternidade, enquanto o homem é situado no pólo da cultura.

Portanto, enquanto o homem participa da esfera pública, a mulher está ligada à esfera privada. Nesta perspectiva, a relação marido e mulher vai ficando cada vez mais distanciada, seus mundos, tanto geográficos quanto psíquicos, ficam apartados, ocorrendo junto a isso uma dessexualização da própria relação.

Deste modo, a insatisfação sexual com o marido leva a mulher burguesa, paradigma da mulher na teoria freudiana, a concentrar no seu filho todas as suas possibilidades de obter prazer.

Em *Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna*, a mulher aparece como a "portadora genuína dos interesses sexuais do ser humano"⁹: a defensora, frente à cultura, do pólo sexual. A mulher é a responsável pela transmissão da sexualidade. A repressão sexual a que está submetida tem como consequência direta uma corrente de transmissão da sexualidade que vai ser constituidora da sexualidade infantil. As mães são as grandes responsáveis pelo erotismo da criança, na medida em que são elas que cuidam da criança e neste cuidado está incluída uma erogeneização¹⁰. Freud não volta a esta hipótese da mãe como objeto civilizatório. Acreditamos, no entanto, ser esta idéia

⁸ NUNES, Sílvia A.. *Op. cit.*.

⁹ FREUD. *La Moral Sexual "Cultural" y la Nerviosidad Moderna* (1908). In: *Obras Completas*, vol. IX. Buenos Aires: Amorrortu, 1989, p. 174.

¹⁰ BIRMAN, Joel. *Áula na Pós-graduação do Instituto de Medicina Social, UERJ, 2º semestre de 1996.*

fundamental para o desenvolvimento da concepção sobre o bebê como o falo da mãe, e as conseqüências teóricas disso para a constituição da masculinidade e da feminilidade e de sua relação com o lugar central dado ao falo na cultura.

Alguns estudos do século XIX corroboram a idéia de que é da maternidade que a mulher tira seu maior prazer. Michelet propaga a idéia da sexualização presente na relação da mãe com o filho, mostrando como este último é a fonte principal de toda a satisfação da mulher: "Debruçada sobre ele, ela estremece. Jovem e inocente como é, ela revela pelos mais ingênuos sinais seu prazer por assimilar, pelo amor, esse fruto divino de si mesma. Há pouco ele se alimentou dela; agora ela se alimenta dele, absorve-o, **bebe-o** e **come-o**"¹¹.

Portanto, o filho torna-se o objeto por excelência do desejo materno. O discurso médico legitima esta assertiva, ao supor uma "vocalização inata" da mulher para a maternidade e ao contestar a sexualidade que não visa à procriação¹².

Ao concentrar o prazer no filho, a mulher está, de certa forma, "apostando todas as suas fichas" nesta relação. Quando Freud aconselha, em *O Mal-Estar na Civilização*, que, na sua busca de satisfação, um sujeito faça como o negociante cauteloso que não emprega todo o seu capital em um só negócio¹³, esta lógica só vale para o universo masculino, porque a mulher só tem como encontrar a totalidade da sua satisfação em uma aspiração apenas: a maternidade.

Como decorrência desta totalização em um só objeto, a figura da mãe aparece como uma mistura de amor e devoramento, que busca compensar no vínculo com o bebê todas as suas insatisfações, todo o seu erotismo reprimido e o seu narcisismo desvalorizado.

Com efeito, no texto *Sexualidade Feminina*, são delineadas três saídas possíveis para o complexo de castração na menina: a inibição sexual, o complexo de masculinidade e a maternidade. Segundo Freud, esta última saída é a única específica da feminilidade¹⁴, o que demonstra que ele está totalmente inserido no ideário moral do século XIX sobre a mulher.

Mas na relação com a sua própria mulher, vemos Freud, apesar dos questionamentos e dos avanços que empreendeu na sua teoria da sexualidade feminina, inteiramente de acordo com a opinião dos homens de seu tempo sobre o papel destinado à mulher na sociedade burguesa. Como conta Bertin, Freud, numa carta a sua noiva Martha Bernays, discorda das idéias de Stuart Mill em *Sobre a Submissão das Mulheres*, ensaio que ele havia traduzido alguns anos antes:

"Lembro-me de que um dos argumentos princi-

¹¹ MICHELET, J., *Apud* NUNES, Sílvia A., *O Corpo do Diabo entre a Cruz e a Calderinha*, *Op. cit.*, p. 78.

¹² NUNES, Sílvia A., *Op. cit.*

¹³ FREUD, O Mal-Estar na Civilização (1930). In: *Obras Completas*, vol. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 103.

¹⁴ FREUD, *Sexualidade Feminina* (1931). In: *Obras Completas*, vol. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1974.

pais na obra que traduzi era de que não seria absolutamente impossível uma mulher casada ganhar tanto dinheiro quanto o marido. Creio que concordamos no fato de que a manutenção da casa, a educação das crianças e o cuidado com elas monopolizam inteiramente um ser humano e excluem praticamente qualquer possibilidade de ganhar dinheiro. (...) É também impensável querer lançar as mulheres pela vida à maneira dos homens. Por exemplo, eu deveria considerar minha doce e delicada querida como concorrente? Nesse caso, acabaria por lhe dizer, como fiz há 17 meses, que a amo, que farei qualquer esforço para tirá-la dessa concorrência e que lhe atribuo como domínio exclusivo a tranqüila atividade de **meu** lar¹⁵.

¹⁵ BERTIN, Célia. *A Mulher em Viena nos Tempos de Freud*. São Paulo: Papirus, 1990, p. 79. (o grifo é nosso).

No contexto desta moral rígida, que circunscreve para a mulher o lugar da servidão ao homem, podemos pensar a positividade da histeria, compreendendo-a como uma espécie de rebelião contra este anulamento da mulher. O sintoma histérico é uma tentativa de reerotização da figura da mãe dessexualizada. A junção da mulher à maternidade implica uma deserotização da mãe, na medida em que a figura da mulher fica incompatível com a figura da mãe. Com seu sintoma marcado no próprio corpo, a histérica busca dar visibilidade a esta mulher que se tentou apagar. Ela é a mulher sedutora que se coarctou, porque foi obrigada a recalcar o gozo clitoridiano, mas cujos sintomas mantêm vivo seu erotismo, numa espécie de contra-poder à renúncia pulsional¹⁶. No movimento surrealista, havia a noção da histeria como uma grande obra de arte, pelo fato de que, nesta forma de neurose, a histérica consegue esculpir no seu próprio corpo a tentativa de restauração do potencial erógeno que se tentou sufocar. Como sintoma da sexualidade recalçada, a histeria não se deixa naufragar na tentativa de anulamento da mulher¹⁷. Frente às imposições da época, esta neurose acaba sendo "a única escapatória para as rebeldes"¹⁸, a única saída para não sucumbir à inibição e ao anestesiamiento. É justamente esta visão da histeria como uma experiência de contra-poder que permite Emilce Dio Bleichmar falar do "feminismo espontâneo da histeria", nesta forma peculiar da mulher de se fazer ouvir como sujeito, não abrindo mão de seu desejo sexual, de seu desejo de reconhecimento¹⁹.

¹⁶ BIRMAN, Joel. Aula da Pós-graduação da UERJ, Rio de Janeiro, 2º semestre, 1996.

¹⁷ Idem.

¹⁸ BERTIN, Célia. Op. cit., p. 82.

¹⁹ BLEICHMAR, Emilce Dio. *O Feminismo Espontâneo da Histeria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988, p. 187.

Assim, se o homem, além de ser pai e marido, pode transitar por papéis os mais diversos, à mulher resta participar do universo "cri-cri", sendo-lhe vedado um maior horizonte no mundo dos possíveis objetos de satisfação. Vale a pena lembrar que cri-cri não é apenas a pessoa que só sabe conversar sobre crianças e criados, mas designa também uma pessoa chata,

que só fala de assuntos de pouco ou nenhum interesse²⁰. Vemos que a própria língua denuncia que o universo doméstico não tem lá seus maiores atrativos, e que a pessoa que só transita neste circuito acaba ficando uma pessoa chata, pouco interessante, cuja vida pode desembocar no *marasmus* da tia de Dora ou na obsessão por limpeza de sua mãe. A meu ver, o que contribui para a desvalorização dos assuntos domésticos não é tanto a sua chatice em si, mas a **fixação** nestes assuntos, isto é, a restrição do campo da subjetividade da mulher, obrigada a circular somente nos afazeres do lar. Ora, qualquer assunto sobre o qual se discorra **exclusivamente** acaba por ficar monótono e cansativo. O problema, assim, não é tanto com a atratividade do espaço doméstico, mas o fato de este ter se tornado, no imaginário da mulher, uma verdadeira prisão.

Ao mostrar a relação direta entre a doença nervosa e a vida civilizada da modernidade, Freud assinala como a moral sexual coloca em risco a saúde psíquica das pessoas que sofrem as suas sanções, sendo estas últimas particularmente severas com as mulheres. Freud está dizendo, com isso, que é difícil a mulher não ser neurótica diante das injunções impostas por uma estrutura social que reprime a sua sexualidade e sufoca o seu erotismo. Freud encontra uma família atravessada pela medicina higiênica, na qual a grande ênfase é a eliminação da sexualidade, principalmente da sexualidade feminina.

Neste artigo, Freud se apóia nas críticas de Von Erenfehlis sobre a instituição do casamento, sobretudo do casamento monogâmico. Considerando a relação da pulsão sexual com a civilização, são apontados três estágios possíveis: num primeiro, a pulsão sexual pode manifestar-se livremente sem se preocupar com a reprodução; num segundo, a pulsão sexual só pode manifestar-se com vias à reprodução; e num terceiro, somente se admite a meta sexual para a reprodução legítima, isto é, dentro do casamento monogâmico. Freud observa que este terceiro estágio corresponde à moral sexual civilizada da sua época, a qual se apóia na necessidade de uma total abstinência sexual antes do casamento para homens e mulheres. A indagação que se coloca aqui é saber se as relações sexuais no casamento compensariam este período de abstinência - a resposta é negativa. O casamento, que poderia ser a solução para a supressão da sexualidade anterior a ele, não cumpre este papel. Muito pelo contrário, é por si só um grande contribuidor para a produção de neuroses, sendo aí mesmo que reside um dos sinais alarmantes da neurose inerente à "moral sexual" dita civilizada²¹.

É espantoso que mesmo dentro do casamento e

²¹ ASSOUN, Paul-Laurent. Les Femmes dans la Nervosité Moderne. In: *Freud et la Femme*. Paris: Calmann-Lévy, 1983, p. 187.

visando exclusivamente a reprodução, a sexualidade sofre restrições, pois deve moldar-se ao número de filhos do casal. Assim, só existirá relação sexual durante os primeiros quatro ou cinco anos, tendo-se ainda que subtrair destes os períodos em que a mulher, por "razões higiênicas", não pode ter relação sexual²².

²² FREUD, La Moral Sexual "Cultural" y la Nerviosidad Moderna (1908). In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1989, p. 174.

O controle rígido sob o qual são mantidas as relações sexuais pode ser atestado pelo discurso científico da época, como ilustra a seguinte citação: "As relações sexuais das mulheres devem estar restritas ao casamento, após 21 anos e até os 35 anos, quando então o homem não deverá mais perturbá-la... O homem também não deve perturbá-la no seu ofício de criar as crianças"²³.

²³ AUDIFFRENT, M. G.. Des Maladies du Cerveau e de l'Inervation d'après Auguste Comte. *Apud* NUNES, Silvia A.. *O Corpo do Diabo entre a Cruz e a Caldeirinha*. Op. cit., p. 71.

E de que maneira reagem homens e mulheres frente a esta situação? Com os casamentos condenados à privação sexual, os homens podem passar a atuar dentro de uma moral sexual "dupla", atitude que Freud mostra estar na base mesma de uma sociedade hipócrita. A mulher, então, sem a possibilidade da saída pela infidelidade conjugal, acaba refugiando-se na doença neurótica, pois "nada protegerá sua virtude tão eficazmente quanto uma doença"²⁴. Como mostra Assoun, vemos aqui o diagnóstico freudiano sobre o destino cultural que expressa a miséria à qual está condenada a mulher: a neurose é sua única saída para as agruras que lhe são impostas²⁵.

²⁴ FREUD, La Moral Sexual "Cultural" y la Nerviosidad Moderna. Op. cit., p. 175.

²⁵ ASSOUN, Paul-Laurent. Op. cit., p. 186.

Esta inscrição cultural distinta para cada um dos sexos aparece na figura da irmã neurótica de um irmão perverso: ali onde o homem aceita a perversidade da dupla moral, a mulher, na sua integridade, continuaria fiel ao marido através da sua doença, sendo a neurose o negativo da perversão positiva. Vê-se aqui uma formulação recorrente no pensamento freudiano sobre a sexualidade feminina: a de colocar a mulher como um decalque do homem, a de depreendê-la como um sintoma que seria uma réplica do sintoma deste²⁶. A idéia da neurose feminina como um reverso da perversão masculina vai ao encontro a uma idéia, presente no século XIX, que situa a maldade do lado dos homens, ou seja, do lado da cultura, enquanto a bondade estaria do lado da mulher, isto é, rousseauianamente, do lado da natureza. Podemos detectar atualmente a continuidade deste ideário em alguns campos da cultura. Gostaria de apontar dois exemplos que, a meu ver, têm origem na idéia de uma bondade "inata" na mulher: a opinião corrente de que a mulher na política seria mais confiável do que o homem, porque menos corruptível, e a idéia de que a mulher sempre comete um crime através ou por causa de um homem²⁷.

²⁶ Idem, p. 185.

²⁷ CAMARGO, M^o Silvia e ISIDORO, Cristiana. *Mulher e Trabalho*. São Paulo: Ed. 34, 1997, p. 112.

Retornando ao texto, uma outra consequência

desta moral rígida é uma grande incidência de impotência sexual nos homens e de frigidez nas mulheres. Diante da fraca potência do marido, a mulher não se satisfaz e, se já tinha a sua sexualidade anestesiada, assim permanece, mesmo nos casos onde uma vigorosa experiência sexual poderia tê-la feito superar uma frigidez decorrente de sua rígida educação. Frente aos limites estreitos a que é coagida a vida conjugal, o grau de desilusão aí é imenso, pois a vida a dois havia sido para ambos o projeto de uma "felicidade tão ardentemente desejada"²⁸. É interessante notar que, ao denunciar os efeitos nefastos do casamento no psiquismo feminino, Freud está indo contra toda uma corrente médica higiênica vigente na época, que via o casamento como solução para a doença nervosa da mulher²⁹; o casamento não só não é uma solução, como também aconselha as mulheres muito nervosas a não se casarem, pois só tenderão a piorar.

Mulher e sublimação

Quando Freud diz, conforme vimos, que a mulher é a portadora genuína dos interesses sexuais da humanidade, ele diz que esta é a causa da menor aptidão da mulher para a sublimação. A mulher, ou pelo menos a mulher da qual nos fala Freud, tem como função maior tanto a procriação quanto a encarnação do próprio pólo pulsional da cultura. Aqui, maior "função sexual" é condição para menor sublimação. Vemos novamente aqui a ligação da mulher à natureza. Esta idéia aparece também num outro texto, onde Freud descreve a mulher como uma "filha da natureza"³⁰, como alguém que recusa o psíquico, só sendo acessível ao material, à "lógica da sopa, com bolinhos por argumentos"³¹.

A mulher é, assim, a maior vítima das práticas disciplinares: a repressão sexual a impede, inclusive, de desenvolver o seu pensamento. Isto se dá, justamente, porque a vida sexual é o protótipo para o exercício das outras funções. Se a educação das mulheres as intimida no seu apetite de saber, no que diz respeito às suas curiosidades sexuais, vistas como um tabu, a mulher é afastada de **qualquer** forma de pensar, e a arte do conhecimento acaba perdendo o valor para ela, dissuadida então de toda a forma de saber³². As mulheres ficam neuróticas justamente por isso, **porque a elas é concedida menor possibilidade de sublimar**. Trata-se de um processo de inibição³³, que impede o sujeito de desenvolver o "dom" para sublimar. O que aparece nesta articulação é a idéia de que a um menor capital erótico corresponde um menor capital simbólico; se a cultura minimiza o capital erótico, ela está, em contra-

²⁸ FREUD. La Moral Sexual "Cultural" y la Nerviosidad Moderna. *Op. cit.*, p. 180.

²⁹ NUNES, Sílvia A.. *Op. cit.*.

³⁰ FREUD. Observações sobre o Amor Transferencial (1915). In: *Obras Completas*, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 216.

³¹ Idem.

³² FREUD. La Moral Sexual "Cultural" y la Nerviosidad Moderna (1908). *Op. cit.*, p. 177.

³³ FREUD. Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicanálise (1912). *Obras Completas*, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 158.

³⁴ BIRMAN, Joel. Aula na Pós-graduação do Instituto de Medicina Social, UERJ, Rio de Janeiro, 2º semestre de 1996.

partida, minimizando também o capital simbólico³⁴. Ou seja, estamos aqui diante de um paradoxo: se por um lado a cultura exige dos indivíduos a renúncia pulsional para poder se erigir, por outro esta renúncia empobrece a própria produção da cultura, virando assim o feitiço contra o feiticeiro.

Podemos derivar desta compreensão que, se a cultura precisou excluir a mulher do espaço público, com isso ela só empobreceu a si mesma, desvitalizando seus laços amorosos e colocando as forças libidinais de seus indivíduos muito mais voltadas para **evitar o desprazer** do que para **obter prazer**. A ruptura do pacto civilizatório que separou os universos masculino e feminino traz, a meu ver, maior possibilidade para as mulheres, como, também, para os homens, de encontrarem objetos de satisfação na cultura.

Em relação ao conceito de sublimação, existe um salto dentro do pensamento freudiano. Em *Moral Sexual Civilizada e a Doença Nervosa Moderna*, texto de 1908, a sublimação consiste na capacidade de trocar o alvo sexual por um outro não-sexual, mas sem haver nesta operação uma mudança do objeto da pulsão. Já no conceito de sublimação que aparece em 1932, em *Novas Conferências sobre a Psicanálise*, o processo inclui não só uma mudança do alvo da pulsão, como também do seu objeto, que será considerado conforme o seu valor social. Ocorre, então, uma transformação do conceito de sublimação, já que se realiza, nesta segunda conceituação, além de uma mudança do alvo, também do objeto da pulsão³⁵. Nesta última compreensão, a sublimação, conceito difícil de ser trabalhado na obra freudiana, passa a ser uma forma de expressão altamente valorizada na cultura. Podemos ir mais longe nesta formulação e dizer que a sublimação é o destino pulsional que propiciará a produção de uma civilização mais rica, na medida em que permite **a criação de um novo objeto** na cultura.

Quando o discurso freudiano rompe com o ideal iluminista de obtenção da felicidade e de "progresso" na civilização³⁶, pode conceber a possibilidade da criação de novos objetos, que não estejam somente a serviço do pacto civilizatório. A criação implica a aceitação de um mal-estar estrutural e não contingente para os indivíduos, o que o iluminismo, com a proposta da busca de uma felicidade ideal, não poderia conceber. É neste contexto que Freud formula o segundo conceito de sublimação, no qual a mudança do objeto é um atributo essencial na reordenação do circuito pulsional provocada pela sublimação³⁷. Como aponta Birman, "é a invenção de um outro objeto para o circuito pulsional que seja ao mesmo tempo um objeto

³⁵ BIRMAN, Joel. *Alquimia no Sexual: sobre o conceito de sublimação em Freud*. In: BIRMAN, J. e NICÉAS, C. A. (org.). *A Ordem do Sexual*. Rio de Janeiro: Campus, 1988, p. 72.

³⁶ Ver BIRMAN, Joel. *Desamparo, Horror e Sublimação*, in *Revista do IMS, UERJ*, nº 83, p. 16.

³⁷ *Idem*, p. 32.

³⁸ Ibidem, p. 22.

compartilhado por outros sujeitos que revela a nova concepção de sublimação³⁸. Portanto, vemos que esta segunda maneira de pensar a operação sublimatória está totalmente articulada com a noção de laço social dos sujeitos, do que podemos depreender que bens simbólicos não compartilhados não chegarão a ter estatuto de bens sublimados.

Ora, isto é particularmente importante no que diz respeito à mulher. Se Freud a coloca, em *O Mal-Estar na Civilização*, como "a grande solapadora da civilização"³⁹, fazendo uma oposição entre a cultura e a mulher, qual a possibilidade dela compartilhar os bens simbólicos cuja força pulsional, apesar de toda a repressão em sentido contrário, a impeliu a produzir?

Por outro lado, a **motilidade** necessária à economia pulsional para a promoção da cultura - e só com esta motilidade haverá a possibilidade de criação de novos objetos - é totalmente contrária à idéia da **fixação** da mulher no lar e na maternidade. Esta fixação da mulher, como não poderia deixar de acontecer, aparece no seu circuito pulsional. Freud assinala em *A Feminilidade* que a libido da mulher se cristaliza bem mais rapidamente que a do homem: "O homem aos trinta anos parece ainda jovem e inacabado, enquanto uma mulher da mesma idade mostra um aspecto de imutabilidade e inflexibilidade psíquicas - sua libido ocupou já posições definitivas e ela parece incapaz de mudá-las"⁴⁰.

Assim, a cristalização da libido torna árdua, para a mulher descrita por Freud, a operação da motilidade pulsional necessária à tarefa do processo sublimatório.

Como dissemos, em *O Mal-Estar na Civilização* a mulher é vista como inimiga da cultura, defensora dos prazeres e do amor, retardadora e coibidora da civilização, estando do lado dos interesses da família e da vida sexual. Do lado do homem, temos que: "o trabalho de cultura tornou-se cada vez mais um assunto masculino, confrontando os homens com tarefas cada vez mais difíceis, compelindo-os a executarem sublimações pulsionais que não estão à altura das mulheres. Como o ser humano não dispõe de quantidades ilimitadas de energia psíquica, só consegue executar suas tarefas mediante uma adequada distribuição da libido. A que utiliza para fins culturais será subtraída em boa parte das mulheres e da vida sexual: a permanente convivência com outros homens, sua dependência dos vínculos com eles chegam a afastá-lo de suas tarefas de esposo e pai"⁴¹.

O texto acima segue mostrando que, por terem sido colocadas em segundo plano frente às exigências da cultura, as mulheres desenvolveram uma hostilidade contra a mesma. É interessante notar que, na citação acima, Freud está descrevendo uma sociedade emi-

³⁹ KEHL, M^o Rita. *A Mulher e a Lei*. In: *A Mínima Diferença*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 33.

⁴⁰ FREUD. *Apud* KEHL, M^o Rita. *A Mulher e a Lei*. *Op. cit.*, p. 46.

⁴¹ FREUD. *El Malestar en la Cultura* (1930). In: *Obras Completas*, vol. XXI. Buenos Aires: Amorrortu, 1990, p. 101.

nentemente homossexual, ao constatar que “a permanente convivência com outros homens e a dependência dos vínculos com eles” dificulta a relação com a mulher. Neste tipo de estrutura social, não há lugar para a diferença sexual e para a alteridade. Ora, neste sentido, podemos questionar se nesta cultura, em cuja tarefa os homens estão tão empenhados, há lugar para a operação sublimatória, entendendo a dialética da alteridade como condição de possibilidade para a sublimação⁴². Segundo Burke, o sublime está ligado a alguma coisa da ordem do perigo e da dor, de uma ruptura com um imaginário já estabelecido⁴³, o que não parece ser possível numa sociedade que se apresenta como eminentemente homossexual, no sentido em que recusa a alteridade e a diferença sexual.

⁴²Ver, sobre isso, BIRMAN, Joel. Desamparo, Horror e Sublimação. *Op. cit.*, p. 27.

⁴³BURKE, Edmund. *Uma Investigação Filosófica sobre a Origem de Nossas Idéias do Sublime e do Belo*. São Paulo: Papirus, 1993, p. 48.

Mulher e trabalho

A figura da trabalhadora

“Filha da natureza”, inimiga da cultura, impedida de entrar no espaço público, atada à casa e aos filhos - neste cenário evidencia-se, para a mulher, a problemática do trabalho.

⁴⁴SCOTT, Joan W.. La Travailleuse. In: DUBY, G. e PERROT, M. (org.). *Histoire des Femmes: le XIX siècle*.

Segundo Scott⁴⁴, a **figura da trabalhadora** passou a constituir-se em um “problema” a partir do advento da revolução industrial, como decorrência da nova forma de alocação do trabalho, quando este passou a situar-se em um espaço separado do espaço domiciliar.

Enquanto no mundo pré-industrial o trabalho era mais informal, muitas vezes não remunerado, sendo a atividade doméstica complementar à da produção, na era industrial estas duas atividades passam a ser antagônicas e inconciliáveis. Diante de tal situação, a mulher que desejasse ou necessitasse trabalhar via-se numa verdadeira encruzilhada, na medida em que teria de optar entre duas funções necessariamente excludentes: ser mãe ou trabalhar. À mulher jovem e solteira era concedido trabalhar, como forma de dar uma contribuição à sua família. Mas assim que se casasse e tivesse filhos, teria que dedicar-se exclusivamente a cuidar da casa: produção e reprodução eram atividades incompatíveis. Somando-se a isso, a necessidade da presença da mãe no lar era exaltada, mostrando-se como as crianças cuidadas por outras pessoas não estavam sendo devidamente bem tratadas, justificando assim que a atividade da função materna tinha que ter horário integral⁴⁵.

⁴⁵Idem, p. 443.

Nesta atmosfera de culpabilizar a mãe que trabalha, as admoções estenderam-se para todas as mulheres, como se todas tivessem a mesma expe-

riência, fazendo da mulher uma só categoria. Assim, a figura da trabalhadora passou a ser considerada uma anomalia, enquanto a mulher no lar era signo de um ideal de respeitabilidade. Feminilidade era sinônimo de vida doméstica e maternidade, enquanto a mulher trabalhadora era alvo de discriminações diversas, o que pode ser observado na frase de um legislador, Jules Simon, em 1860: "uma mulher que trabalha não é mais uma mulher"⁴⁶.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 420.

Assim, o "problema" da trabalhadora foi forjado na articulação de um discurso que visava justificar a não adequação da mulher ao espaço do mercado do trabalho, fazendo com isso, como dissemos, uma generalização das experiências singulares. Ver a mulher como uma categoria única facilitava a acentuação da diferença entre os sexos⁴⁷. Esta forma de interpretar o trabalho feminino inspirou os discursos médicos, políticos e morais que ficaram sendo conhecidos como a "ideologia doméstica", ou a "doutrina das esferas separadas", e marcou a divisão do trabalho segundo o sexo, legitimando-a como sendo de uma ordem "natural".

⁴⁷ *Ib.*

Como observa Scott, a distinção entre os sexos não era uma coisa, de modo algum, nova. A novidade foi o fato de esta passar a ser articulada com a divisão do trabalho característica da economia do século XIX. Com efeito, a divisão do trabalho foi uma forma de organização econômica usada no capitalismo industrial para gerir a economia, considerada mais eficiente e mais rentável. A entrada da mulher nas fábricas fez do gênero sexual um eixo discriminador para esta divisão.

Entretanto, esta entrada no mercado de trabalho não se deu por uma opção das mulheres: elas foram levadas para as fábricas pelo estado de miséria em que se encontravam. O fato de trabalhar não oferecia à mulher outro espaço de cidadania, nem lhe outorgava maiores direitos no espaço doméstico⁴⁸. Com o capitalismo industrial, as mulheres continuavam a fazer parte de um grupo social "interior" e/ou "inferior"⁴⁹.

⁴⁸ NUNES, Sílvia A.. *Op. cit.*.

⁴⁹ DARCY DE OLIVEIRA, Rosiska. *O Elogio da Diferença*. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 42.

Com efeito, o que entrou em jogo nesta inserção da mulher no mercado das novas manufaturas foi a questão do valor: o trabalho da mulher valia menos, o que o fazia interessante aos olhos dos empregadores. Para estes, empregar mulheres significava economizar.

Da parte dos sindicatos também não houve apoio à mulher. Pelo contrário, muitos deles fizeram uma espécie de boicote, aceitando somente a admissão das que tinham salários equivalentes aos dos homens. A questão dos salários baixos, ao invés de tornar-se uma luta sindical, foi álibi para a não admissão de mulheres nos sindicatos, mantendo assim o estatuto subalterno das mulheres no movimento operário, que as via mais

como uma ameaça do que como aliadas. Estava aí em jogo a estratégia de uma lógica circular: a baixa remuneração era ao mesmo tempo causa e comprovação da menor produtividade da mulher. Desta forma, como propõe Adam Smith, o salário da mulher casada seria o mínimo necessário para a sua subsistência, enquanto o do homem teria que assegurar a sua subsistência e a da sua família, reforçando a assimetria espantosa para o cálculo dos salários⁵⁰.

Segundo Darcy de Oliveira, a alegação dos sindicalistas para proibir a entrada das mulheres nas fábricas era de que estas seriam facilmente manipuladas e exploradas pelo patronato⁵¹, o que atrapalharia a luta contra o capitalismo. Mas as alegações eram várias: seja que o corpo da mulher era mais frágil, ou que a função da reprodução ficaria lesada; seja que haveria o risco de serem estupradas no retorno à casa, quando o emprego era noturno, ou que o convívio com a grosseria dos homens no trabalho as expunha a uma corrupção moral. A estratégia, enfim, visava sempre impedir a inserção da mulher no mercado de trabalho.

Concentrar o problema na visão do trabalho como um mal para a mulher impediu que questões fundamentais, como os baixos salários e a exploração, pudessem ser discutidas. Fazer isto seria dar uma visibilidade à mulher no mundo do trabalho não permitida pelo espaço público da época, tendo os discursos dominantes se propagado no sentido de manter a sua invisibilidade, ao colocar os termos casa/trabalho, produção/reprodução, em oposição⁵².

*Trabalho sublimado ou trabalho alienado?
Nem tudo que reluz é ouro*

Vemos, então, que o trabalho ocupou um espaço central nas injunções sofridas pela mulher na sociedade industrial. Certamente a dificuldade de inserir-se no mundo do trabalho foi um fator que contribuiu para a inacessibilidade da mulher à sublimação.

De fato, em *O Mal-Estar na Civilização*, Freud coloca o trabalho como uma possível saída sublimatória para o ser humano frente ao seu sofrimento, principalmente para aqueles que não possuem talentos especiais, como os que têm o artista e o cientista.

“A possibilidade de deslocar para o trabalho profissional e para os relacionamentos humanos dele decorrentes uma considerável medida de componentes libidinais, narcísicos, agressivos e até eróticos lhe confere um valor fundamental como um caráter indispensável à preservação e à justificação da vida em sociedade”⁵³.

⁵⁰ SCOTT, Joan W.. *La Travailleuse. Op. cit.*.

⁵¹ DARCY DE OLIVEIRA, Rosiska. *Op. cit.*, p. 43.

⁵² SCOTT, Joan W.. *Op. cit.*.

⁵³ FREUD. *El Malestar en la Cultura. Op. cit.*, p. 80.

Entretanto, Freud ressalta neste texto que nem todo trabalho é sublimado. O trabalho somente apresenta-se como uma possível via de satisfação para o psiquismo quando é livremente escolhido - esta é a condição para que seja investido por meio de sublimação. Infelizmente, prossegue, "a grande maioria dos seres humanos só trabalha pela pressão da necessidade e desta natural aversão dos homens ao trabalho derivam os mais difíceis problemas sociais"⁵⁴.

⁵⁴ Idem.

Deste modo, há uma diferença radical entre o trabalho sublimado e o trabalho forçado, sendo este último muito mais freqüente. Podemos aproximar o trabalho não livremente escolhido da noção de **trabalho alienado** em Marx, ou da função do **trabalho servil** na dialética servo/senhor, em Hegel.

Em Marx, o trabalho alienado é uma característica essencial do capitalismo. Na época do feudalismo, o artesão era dono do produto do seu trabalho, e o camponês dava uma parte da produção agrícola para o senhor feudal, mas tinha posse de parte do produto. No trabalho assalariado das sociedades capitalistas, o trabalhador não é dono do produto do seu trabalho. Ele vende (aliena) a sua força de trabalho e não o produto, que é propriedade do patrão. Quando o trabalhador vende a sua força de trabalho, esta vale menos do que o produto de seu trabalho. Assim, na mais-valia, o preço do produto é maior do que o salário do trabalhador. Esta é a base do trabalho alienado, no qual o lucro do capitalista depende da mais-valia.

Em Hegel, a dialética senhor-servo é uma luta pelo prestígio e pelo reconhecimento. Aquilo que o senhor reconhece no servo é a sua mão-de-obra. O servo trabalha para o senhor, que não trabalha. Se a autoconsciência só existe para um outro e só pode se ver através de um outro, numa dialética da intersubjetividade, o servo só se reconhece através do trabalho que faz para o senhor. O trabalho efetiva-se, assim, através da servidão, sendo necessariamente trabalho forçado, posto que impulsionado pela angústia de morte. Na luta pelo prestígio, o servo é o adversário vencido que, por temor da morte, prefere a escravidão. Não querendo correr o risco de perder a vida, torna-se servo para um senhor, colocando-se do lado de um "objeto-coisa", da animalidade. Pelo seu trabalho, transforma a coisa para que esta possa ser consumida pelo senhor: todo o esforço é feito pelo servo a fim de que o senhor satisfaça-se no seu gozo⁵⁵. Neste sentido, é importante diferenciar o trabalho sublimado tanto do trabalho alienado conceituado por Marx, quanto do trabalho servil descrito por Hegel na dialética senhor-servo.

⁵⁵ KOJEVE, Alexandre. *La Dialectica del Amo y del Esclavo en Hegel*. Buenos Aires: Editorial La Pleyade, 1982.

O trabalho como trabalho de luto

Se o trabalho alienado e o trabalho servil mantêm o sujeito numa relação de submissão a um outro, podemos dizer em contrapartida que o trabalho sublimado leva o sujeito a uma certa libertação. Para que o trabalho possa efetivar-se por meio de uma sublimação, é necessário que haja aí a operação de um luto, através do qual o sujeito não se deixa ficar enlaçado pelo objeto, mas abre-se para a experiência de uma perda do objeto. Gostaríamos, então, de desenvolver a noção do trabalho como sendo **um trabalho de luto**, articulando-a com a problemática do trabalho para a mulher.

Vimos até aqui como se deram, do lado da cultura, as formas de impedir o acesso da mulher ao espaço público e, conseqüentemente, ao mundo do trabalho. E do lado da mulher? Que ganhos ela deve ter para se deixar ficar amarrada ao espaço doméstico?

Para podermos desenvolver esta questão é importante lembrarmos que a mulher do século XIX, na sua submissão e dependência ao homem, está marcada pelo masoquismo. Tanto no masoquismo feminino como no masoquismo moral, o sujeito evita a angústia da perda do objeto. A mulher prefere o estado de submissão ao homem, prefere anular-se no masoquismo, a experimentar um estado de desamparo. O masoquismo é uma forma de o sujeito se proteger da angústia causada pelo desamparo, assumindo a posição de servidão a um outro⁵⁶.

Portanto, vemos que também a mulher contribui para a sua restrição ao universo doméstico, ao não querer perder o lugar da infantilizada, da dependente, daquela que é paparicada e amada, encontrando nesta experiência uma forma de escapar de qualquer sensação de desproteção. Explorar o mundo externo implica cortar os laços de dependência que a ligam ao lar. Ora, este mundo desconhecido pode ser bastante ameaçador, na medida em que pode tirá-la do aconchego do lar, do aconchego materno. Há um risco nesta saída.

Em O Mal-Estar na Civilização, o mundo exterior ao ego é visto como fonte de desprazer. Esta já é uma idéia bem anterior a este texto no pensamento freudiano: o ego se afasta daquilo que lhe causa desprazer, por imposição do princípio do prazer. Há no psiquismo uma tendência a criar um "puro ego em busca de prazer, que sofre o confronto de um 'exterior' estranho e ameaçador".⁵⁷ Tomaremos esta noção **mundo exterior**, que no caso do texto é estritamente aquilo que é externo ao ego, para usá-la como uma metáfora do espaço público, do mundo exterior ao ambiente familiar

⁵⁶ BIRMAN, Joël. *Style d'Être, Manière de Pâtir et de Bâtir: a propos de l'hystérie, de la féminité et du masochisme en psychanalyse*. Texto apresentado nas Journées d'Etudes de l'Espace Analytique, 1995, mimeo, p. 14.

⁵⁷ FREUD. *O Mal-Estar na Civilização*. *Op. cit.*.

do lar. A mulher rechaça o mundo exterior porque este é ameaçador e, por isso mesmo, pode lhe provocar um enorme mal-estar, fazendo suscitar sensações desprazerosas. Vimos mais acima como há uma tendência de os sujeitos fazerem da meta da vida pulsional o **evitamento do desprazer**, impossibilitando acessar a satisfação do **gozo**, este implicando poder tolerar uma certa quantidade de desprazer. Quando a mulher se tranca em casa, ela está no registro do evitamento do desprazer, sem buscar obter maior prazer.

Neste sentido, trabalhar implica poder fazer um trabalho de luto deste **objeto-casa-mãe**. Não ficar atrelada exclusivamente à vida doméstica é desvencilhar-se deste acoplamento mulher-maternidade, é desvencilhar-se da mãe.

Esta questão tem uma especial particularidade no caso da sexualidade feminina. Com efeito, nos seus últimos textos sobre a feminilidade, Freud conclui que a característica essencial para o destino do psiquismo feminino é o seu enorme apego à mãe, mostrando-se surpreso ao descobrir que a questão fundamental para a mulher encontra-se na força deste vínculo, marcado por uma espécie de devoramento do qual a menina terá muita dificuldade de sair⁵⁸.

No entanto, desligar-se do devoramento materno é condição para o trabalho, ao compreendermos trabalhar como **trabalhar a perda do objeto**. Evidentemente, estamos aqui no registro do trabalho sublimado e não do trabalho alienado, conforme já diferenciamos anteriormente.

Desta forma, o trabalho de luto faz uma espécie de contra-movimento à melancolia, já que o luto promove a operação da perda do objeto, enquanto na melancolia o sujeito busca agarrar-se ao objeto, para não perdê-lo. A melancolia das mulheres do século XIX as envolve em uma apatia, em uma atonia. Para trabalhar, há que se lutar contra a melancolia, e a única forma para isto, como bem observa Freud em Luto e Melancolia, é fazer o trabalho do luto do objeto⁵⁹. Este luto, no limite, é o trabalho psíquico da perda da coisa materna, do objeto originário.

No livro *La Femme et la Melancolie*, Juranville mostra como na melancolia o objeto fica grudado no sujeito, ocorrendo aí falta de trabalho, de trabalho de luto. A autora aproxima a melancolia da figura da *acedia*, espécie de flagelo da Idade Média: "*Acedia*, mas também *tristitia*, *taedium vitae*, e tudo o que o termo de *desidia* conota como tristezas, tormentos, desgostos pelas coisas espirituais e de Deus, abatimento"⁶⁰. Segundo o dicionário *Webster's Third New International Dictionary*, *acedia* significa o pecado capital da indo-

⁵⁸ FREUD. Sexualidade Feminina (1931). In: *Obras Completas*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

⁵⁹ FREUD. Duelo y Melancolia (1917). In: *Obras Completas*, vol. XIV. Buenos Aires: Amorrortu, 1990.

⁶⁰ JURANVILLE, Anne. *La Femme et la Melancolie*. Paris: PUF, 1993, p. 14.

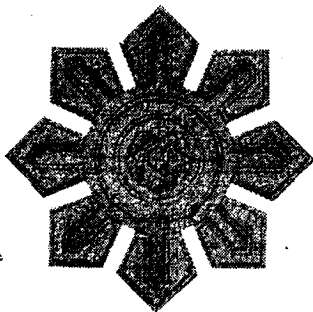
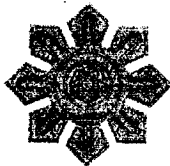
lência; torpor espiritual e apatia. Estes pecadores aparentam, mais banalmente falando, uma ociosidade, um "nada fazer". O **acedioso** quer ter tudo, mas sem se cansar⁶¹. A melancolia recusa cansar-se para efetivar o luto, vivendo no torpor da crença no absoluto do objeto.

Segundo Kristeva, a crença na existência de um objeto absoluto, de um objeto originário para além do luto, corresponde a uma existência psíquica que a metafísica e a teologia ocidentais fazem representar. O melancólico ocidental não aceita abrir mão deste bem supremo: ele quer tudo, quer o Todo, pois, como comenta Kristeva, ele está "persuadido de que pode traduzir a sua mãe"⁶². Como vimos, o objeto materno é colado no ser da mulher, numa espécie de devoramento mortífero.

Presas do universo da maternidade, participando de uma dialética de servidão ao homem para evitar sua angústia de morte, obrigada a recalcar a sua sexualidade, impossibilitada de trabalhar e inserir-se no espaço público, a mulher freudiana testemunha uma espécie de melancolia da mulher. Sair desta melancolia é apostar em **uma saída sublimatória para a mulher**, na possibilidade da criação de novos objetos na cultura, objetos estes que possam vir a ser fonte de satisfação, ao serem pensados dentro do campo da alteridade, isto é, a partir da circulação pulsional dos laços sociais. Tal façanha certamente exige suportar um certo desamparo e uma boa dose de dor.

⁶¹ JURANVILLE, Anne. *Op. cit.*.

⁶² KRISTEVA, Julia. *Sol Negro: depressão e melancolia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p. 66.



História Ciências Saúde

MANGUINHOS

História, Ciências, Saúde — Manguinhos é a revista quadrimestral da Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz, centro de documentação, pesquisa e museotecnica em história das ciências e da saúde. As ciências da vida fornecem a temática predominante, mas nosso periódico está aberto a todos os saberes conexos, conservando sempre a perspectiva histórica. Além de artigos inéditos em português, inglês, francês e espanhol, *História, Ciências, Saúde — Manguinhos* publica fontes para a pesquisa historiográfica, relatos de investigações em andamento, sumários de teses, depoimentos, resenhas de livros e notícias sobre bancos de dados e redes virtuais de informação. Visite a versão *on-line* da revista em <http://www.fiocruz.br/hscience>.

História, Ciências, Saúde — Manguinhos is published three times a year by Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz, a center devoted to documentation, research, and museology in the history of science and health. Although the life sciences are its focal theme, it is also opened to related fields of knowledge, always approached from a historical perspective.

Besides original articles in Portuguese, English, French and Spanish, *this journal* publishes iconographic essays, relevant sources for historiographic studies, reports on ongoing investigations, testimonies, book reviews, commentaries on virtual networks, and summaries of theses or dissertations.

Visit our *on-line* journal at <http://www.fiocruz.br/hscience>.

ASSINATURA/SUBSCRIPTION

Anual/Annual

Institucional R\$ 50,00 US\$ 60,00

Individual R\$ 30,00 US\$ 35,00

Nova assinatura/ New subscription Renovação/Renewal

Nome _____

Endereço _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____ País _____

Telefone/Fax _____ E-mail _____

Preencha a ficha e envie com cheque nominal à Fundação Oswaldo Cruz ou, se preferir, utilize seu cartão. Fill out this form and forward it along with a check made out to the Fundação Oswaldo Cruz or along with credit card information. Credit cards are the preferred form of payment for foreign subscriptions.

Mastercard Visa Diners

Número do cartão _____ Validade _____

Nome do titular _____

Assinatura _____ Data _____

Casa de Oswaldo Cruz — Fundação Oswaldo Cruz
Av. Brasil, 4365 — Rio de Janeiro — RJ 21040-360 Brasil
Tels.: (021) 280-9241/260-7946 Fax: (021) 598-4437

E-mails: hscience@fiocruz.br jben@fiocruz.br rmartins@fiocruz.br isnar@fiocruz.br